

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

7 de Julho de 2025

BULLE OGIER, ATRIZ OCEÂNICA

LES BARGASSES / 1965

Autor da peça, encenador e câmara (16 mm, preto & branco): Marc'O / Com as presenças de: Bulle Ogier, Pierre Clémenti e outros / Cópia: digital (transcrito do original em 16 mm), sem diálogos / Duração: 70 segundos / Estreia mundial: data não identificada / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

LES IDOLES / 1968

*Argumento e diálogo: Marc'O / Diretores de fotografia (35 mm, Eastmancolor e preto & branco, formato 1x66): Jean Badal, Gilbert Sarthre / Cenários: Laurent Gire / Figurinos: Jean Bouquin / Música: Patrick Greussay, Stéphane Vilar / Montagem: Jean Eustache, com a colaboração de Francine Grubert / Som (mono): Gaston Dollet (gravação), Jean Hénry (misturas) / Interpretação: Bulle Ogier (*Gigi la Folle*), Pierre Clémenti (*Charly le Surineur*), Jean-Pierre Kalfon (*Simon le Magicien*), Valérie Lagrange (*Rosine*), Michèle Moretti (*Mme. Canasson*), Bernadette Laffont (*Soeur Hilarité*), Joël Barbooth (*Monsieur Canasson*), Marie-Claude Breton (*La Nyasse*), Philippe Bruneau (*Monsieur Camel*), Daniel Pommereule (*o próprio*), Francis Girod (*Pécuchet*), Henry Chapier (*o diretor de gabinete do Ministério da Guerra*) e outros.*

Produção: Henri Zaphiratos, para International Thanos Films (Paris) / Cópia: digital (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas em português / Duração: 100 minutos / Estreia mundial: Paris, 14 de Junho de 1968 / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

Filmes de Marc'O

Esta sessão também presta homenagem a Marc'O, falecido no passado dia 11 de Junho.

Com o acréscimo do brevíssimo **Les Bargasses** (salvo erro, uma palavra inventada) que não estava anunciado, este programa permite-nos vislumbrar dois aspectos diferentes e complementares do trabalho de Marc'O: o seu trabalho de palco propriamente dito e a transposição para o cinema de um trabalho concebido para o palco. Os fulgurantes e preciosos setenta segundos de **Les Bargasses** captam, a partir de uma frisa do Théâtre Edouard VII, em picado diagonal, um lampejo do que foi este espetáculo, uma grande cena de dança num palco, a todo o vapor. O trabalho desenvolvido por Marc'O no domínio do teatro no American Center em Paris, que foi um dos focos do teatro e da dança experimentais na capital francesa entre os anos 60 e 80, tinha no seu âmago a importância da presença do ator (e, por extensão, do público), num contrapeso à preponderância absoluta do texto então vigente. Neste sentido, tem analogias com o Living Theatre e com o trabalho de Jerzy Grotowski. **Les Idoles** é a transposição para o cinema de um espetáculo de palco, filmado no mesmo espaço onde este decorreria (o Bilboquet, mítico clube de jazz parisiense, desde então encerrado), uma reencenação feita em condições adequadas. O espetáculo fora estreado em 1966 e tivera uma longa carreira, mas a sua transposição para o cinema no ano seguinte foi um tanto imprevista: Henri Zaphiratos, que até então produzira um filme de *soft core* e um sobre o filho de Tarass Bulba, deve ter adorado o espetáculo, pois propôs a Marc'O financiar a sua transposição para o cinema e o encenador, que nada pedira, aceitou a proposta. O filme foi distribuído a 14 de Junho de 1968, quando a agitação iniciada no famoso mês precedente ainda não se esgotara e ficou apenas alguns dias em cartaz. Seria reposto exatamente trinta e seis anos depois, dia por dia.

Marc-Gilbert Guillaumin, dito Marc'O, complexa e sólida personalidade, produziu em 1951 o clássico **Traité de Bave et d'Eternité**, de Isidore Isou, o criador do *lettrisme* e realizou um primeiro filme em 1953, **Closed Vision**, que o deixou insatisfeito pelo facto do cinema não lhe permitir explorar o trabalho que lhe interessava com e sobre os atores, voltando-se então para

o teatro. Teve um papel decisivo na formação de Bulle Ogier, doze anos mais nova do que ele, que nunca foi amadora (contrariamente a diversas figuras da Nouvelle Vague, cujos membros não queriam atores profissionais e sim indivíduos com uma *presença*), nasceu para o teatro sob a sua orientação e não a partir de uma formação tradicional num conservatório (também compartilhou a sua vida durante alguns anos). E as ideias de Marc'O, que ele resume numa entrevista de 2004, eram claras: *“Na minha opinião, não podíamos focalizar-nos sobre a mensagem, o problema era o trabalho do ator e o público. Eu gostava apenas de cinema, não gostava e continuo a não gostar de teatro, mas sou apaixonado pela teatralidade. A teatralidade é o palco mais o público. No palco como na plateia, são necessários atores que sejam autores dos seus atos. Na minha opinião, um ator não tem de interpretar um papel, representar um personagem: tem de ser ele mesmo. Tem de estabelecer uma relação poética com o público. O meu trabalho consiste em aproximá-los, para que um ritmo se estabeleça. Cada um age na sua própria esfera, mas abrindo-se ao outro: a teatralidade é isso”*, acrescentando em outro passo da entrevista: *“Les Idoles foi feito num momento que nos revoltávamos contra a competitividade, o filme também fala disso. Verifiquei-o no mundo das vanguardas: havia uma competição feroz, não havia coexistência possível. Mas consegui escapar a isso, não gosto da ideia de desqualificação”*.

Les Idoles foi feito quando o trabalho de Marc'O atingira uma velocidade de cruzeiro e a sua *troupe*, de que faziam nomes emblemáticos de um certo cinema e um certo teatro em França (além de Bulle Ogier, citemos Pierre Clémenti, Jean-Pierre Kalfon e Michèle Moretti, que também são presenças emblemáticas no melhor cinema de Jacques Rivette) interagira à perfeição. O espetáculo era uma sátira à criação de ídolos populares, mais precisamente no domínio da canção, no ritmo ou género então chamado *yeye*. Há uma verdadeira trama narrativa, que poderia ser a de um filme tradicional. Um casal de empresários lança três vedetas no mercado e provoca o casamento de duas delas por razões publicitárias; a dupla decide tudo denunciar durante a estreia de um espetáculo, o terceiro ator propõe assumir o papel do marido, mas a sua amante abate o trio e os dois empresários vêem de imediato a possibilidade de transformar a homicida numa nova vedeta. Os nomes de alguns personagens nada têm de inocentes: os empresários se chamam Canasson (pileca), o personagem de Jean-Pierre Kalfon é um *esfaqueador* (Surineur), um jornalista chantagista responde pelo nome de Pécuchet (célebre imbecil criado por Flaubert) e há até uma memorável participação especial de Bernadette Laffont no papel de uma freira chamada Irmã Hilaridade, hilariante alusão a Irmã Sorriso, freira belga que se tornara mundialmente célebre em 1963 com a canção *Dominique*. Ao cantarem e dançarem os personagens de Bulle Ogier e Jean-Pierre Kalfon aludem de maneira visível a certas vedetas do *yeye* francês, como Chantal Goya, Sheila, Johnny Halliday e Claude François e ao modo como a imprensa os promovia, em particular a revista *Salut les Copains*. A sátira de Marc'O é certa, mas não é moralista nem brutalmente corrosiva, pois não são estes cantores assaz pimbas que constituem o seu verdadeiro alvo e sim o sistema que os promove, transformando-os em objetos de adoração, em *ídolos*. Por outro lado, um cantor tem sempre uma relação mais íntima e forte com o espectador do que um ator e, por este motivo, este espetáculo com canções torna mais densa a relação ator/público que tanto interessava o encenador. Em meio aos cenários e aos abundantes figurinos, que são uma verdadeira antologia da estética dos anos 60, é muito impressionante ver Bulle Ogier, atriz que viria a ter uma presença quase imaterial em palco e uma capacidade única de dizer textos, cantar e sobretudo mover-se em palco com contorções e acrobacias, numa *performance* extremamente física e vigorosa, a que o espectador não está habituado, por vezes quase circense, que desvenda as formas do seu corpo. O passar do tempo fez de **Les Idoles** um autêntico documento sobre uma época, a sua estética e muitas das suas ideias, sem que isto enfraqueça em nada o trabalho de Marc'O sobre uma extraordinária *troupe* de atores, entre os quais sobressai Bulle Ogier, nos momentos finais da sua primeira etapa de atriz, pouco antes de deixar Marc'O e o seu grupo e rumar para **L'Amour Fou**, de Jacques Rivette, que a descobrira, assim como a Jean-Pierre Kalfon, nos espetáculos de Marc'O.

Antonio Rodrigues